

Organizações indígenas, afrodescendentes, tradicionais e comunitárias

PROCURANDO RESPOSTAS PARA DESAFIOS COMUNS

“Reconhecendo nossas práticas e conhecimentos a partir de diferentes perspectivas, interesses e formas de aprender”, é o projeto com o qual o programa BUILD se propôs a contribuir para identificar, documentar e sistematizar a experiência das organizações parceiras...

Síntese de reflexões e propostas de organizações indígenas, afrodescendentes, tradicionais e comunitários associado ao programa BUILD-Ford Foundation 1

Procurando respostas para desafios comuns

O primeiro encontro foi um sucesso. Nos dias 27 e 28 de novembro de 2019, mais de 60 representantes de 29 organizações indígenas, afrodescendentes, tradicionais e comunitárias (IAT+C) da Ásia, África e América Latina se reuniram na Cidade do México para reconhecer suas práticas e conhecimentos “a partir de diferentes perspectivas, interesses e formas de aprender”.

Foi um espaço de diálogo promovido pela Fundação Ford e pelo Caribbean and Central America Research Council (CCARC), com o objetivo de fortalecer a infraestrutura e capacidade de resiliência das organizações, bem como reforçar sua comunicação com os doadores.

A iniciativa faz parte do programa Building Institutions and Networks (BUILD) e aconteceria entre setembro de 2019 e agosto de 2020.

Sara Omi, representante do Congresso Emberá de Alto Boyano (Panamá), referindo-se ao encontro, enfatizou que "o território é o mais importante", destacando, entre os desafios que enfrentam, "a pressão e invasão da terra, a perda de florestas e extração ilegal de madeira”, bem como a falta de políticas inclusivas por parte do Estado.

A pressão sobre seus territórios também é sentida no Quênia, disse Ikal Ang'elei, diretor executivo de Friends of Lake Turkana, que apontou outro elemento comum para organizações indígenas, afrodescendentes, tradicionais e comunitárias: "A luta principal é fortalecer a organização".

Nas palavras de Rainny Situmorang, da Aliansi Masyarakat Adat Nusantara (AMAN), “lutamos pela independência econômica das organizações e dos povos. Temos desafios semelhantes e estamos preocupados com a dependência que temos de doadores e trabalhadores humanitários. Aproveitemos o potencial de nossos recursos naturais, humanos, econômicos, políticos, sociais e culturais que temos”.

Covid-19

O encontro na Cidade do México clausurou com o compromisso de reunir-se novamente em outubro de 2020. A pandemia causada pela Covid-19 mudou os planos e forçou a suspensão do segundo encontro presencial.

Em março de 2020, em consulta com as organizações participantes, foram propostas três linhas de trabalho e o resultado foram documentos² que sintetizam as respostas de organizações indígenas, afrodescendentes e comunitárias à pandemia:

- ✦ Impacto da pandemia e resposta da liderança feminina;
- ✦ Impacto da pandemia e resposta das organizações indígenas e comunitárias mesoamericanas;
- ✦ Impacto da pandemia e resposta das organizações afrodescendentes na América Latina.

A pandemia agravou os problemas, acentuou as ameaças apontadas durante a primeira reunião e colocou as organizações na primeira linha de defesa das populações e comunidades indígenas, afrodescendentes e tradicionais.

Essa pandemia nos ensinou a ser mais solidários, como comunidades indígenas e como povos. Ensinou-nos não só a estar atentos às nossas comunidades na Guatemala, mas também a outros irmãos, em países que também vivem muitas circunstâncias e problemas semelhantes... Por isso, durante esta pandemia, temos defendido nossos territórios, recuperando nossos territórios, recuperando nossa identidade étnica, onde também está nossa espiritualidade.

**Elodia Castillo, Prefeita Indígena de Ch'orti'
COMUNDICH, Guatemala**

Nas palavras de Annas Radin Syarif, da Aliansi Masyarakat Adat Nusantara (AMAN), as organizações entenderam que "as respostas para todas as crises" estavam em suas mãos, e o "foco neste momento é como nos fortalecer" e "incentivar as comunidades para ajudar uns aos outros".

Reuniões setoriais

Dada a impossibilidade de realização de reuniões presenciais, em novembro de 2020 foi proposta a realização de intercâmbios virtuais, em preparação para a segunda reunião, a realizar em junho de 2021.

Segundo Norma Don Juan, da Rede Continental de Mulheres Indígenas das Américas (ECMIA), “tem sido difícil entrar nessas formas de participação virtual. Aqui percebemos o quão difícil é e a lacuna tecnológica que esta pandemia veio estabelecer.”

Os intercâmbios ocorreram entre abril e maio de 2021. O primeiro foi entre organizações indígenas e comunitárias na Guatemala; a segunda, entre organizações afrodescendentes; e a terceira entre as lideranças indígenas e afrodescendentes.

Os participantes concordaram que a pandemia exacerbou alguns problemas, entre os quais podemos citar:

- ✦ Estruturas estatais incompletas, excludentes e rentistas, cujo modelo econômico de curto prazo se baseia na exclusão dos povos e na extração insustentável dos recursos naturais.
- ✦ Recrudescimento e aumento das políticas de violência e racismo nas estruturas de poder do Estado Nação.
- ✦ Assassinato de lideranças comunitárias e criminalização do território pelos governos, por omissão ou ação direta que geram políticas de exclusão.
- ✦ Perda de saberes ancestrais, fundamentalmente devido à morte de idosos.

O que fazer?

As conclusões dos intercâmbios setoriais foram compartilhadas no II Encontro, em junho de 2021, destacando o papel das organizações indígenas, afrodescendentes, tradicionais e comunitárias para compensar a ausência de políticas de Estado.

O abandono do Estado foi ainda evidenciado pela falta de coordenação e atenção específica aos povos... as comunidades responderam fortalecendo sua organização, essencial para enfrentar a crise, garantir alimentos, utilizar os recursos da medicina tradicional, produzir alimentos, redescobrir os sistemas de solidariedade e escambo, com uma visão dos territórios baseada em direitos e aspirações ligadas à visão de mundo e respeito à vida e à terra.

Manuel Martí
Programa Regional de Pesquisa sobre o
Desenvolvimento e Meio Ambiente - PRISMA

Neste contexto, as organizações desenvolveram as suas capacidades de organização e resistência, "usando as suas próprias histórias, culturas, línguas e saberes tradicionais sobre a Mãe Natureza, a fitoterapia, a gestão dos recursos e a produção sustentável, protegendo portadores desses saberes e as novas gerações".

A experiência vivida pelo Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu, do Brasil (MIQCB), contada por Maria Regina Monteiro, reflete o drama que as comunidades do continente passaram: "Inicialmente, todos pensavam que ficariam em casa por 40 dias, e então 40 dias se tornaram 60 dias, 90 dias e 120 dias. Fizemos uma mudança em nossas atividades e conversamos com nossos doadores e contatamos outros doadores para fazer cesta básica, porque depois de 60 dias, 90 dias, descobrimos que tínhamos muitos parentes que precisavam de alimentos, conseguimos recursos para fazer as cestas básicas e cestas básicas de higiene, já que na zona rural nem todas as famílias têm máscaras, álcool em gel. Ativamos os governos estaduais e o governo federal. Durante a pandemia, aumentaram os casos de violência contra a mulher e os conflitos agrários."



O fortalecimento organizacional foi a primeira prioridade, “indissociavelmente ligado ao território e seus recursos”, concordaram os organizadores da atividade na síntese elaborada com reflexões e propostas resultantes dos encontros e intercâmbios.

Outra prioridade foi a segurança individual das lideranças da organização contra ameaças externas dos aparatos estatais e poderes de fato, bem como a necessidade de formar novas lideranças inclusivas e igualitárias, com crescente participação de jovens e mulheres.

Silvel Elias e Rodimiro Lantan, representando as organizações indígenas da Mesoamérica, destacaram a importância de não retornar ao status quo anterior à pandemia e acrescentaram: “É necessário apoio para responder a essas crises que acabam sendo crises humanitárias... Temos que deixar de ser extintores de incêndio e poder manter nossas próprias agendas que apoiam nossas lutas. Devemos fortalecer nossas capacidades de governança e exercício de direitos coletivos sobre recursos naturais, terras e territórios”.

As organizações indígenas, afrodescendentes, tradicionais e comunitárias propuseram como ponto central de suas demandas a necessidade urgente de não retornar à situação pre-pandemia, caracterizada por políticas públicas de expropriação e extração promovidas pelo Estado Nação.

Também insistiram que os seus conhecimentos e capacidades para proteger a biodiversidade e gerir de forma sustentável os seus ativos territoriais constituem um contributo fundamental para resolver com sucesso o colapso climático e a crise socioeconómica que enfrentam as suas sociedades e o planeta.

Víctor López Illescas, Diretor de Programas da Fundação Ford para o México e América Central, disse que “embora haja um grande volume de recursos financeiros da cooperação internacional e filantropia, continua sendo uma realidade que ativistas, defensores que estão na linha de frente assumindo riscos, com altos riscos para suas vidas por defender os direitos de suas comunidades, ... e os recursos não chegam necessariamente às pessoas que estão na linha de frente fazendo os maiores sacrifícios.”

López Illescas expressou o compromisso da Fundação Ford “para continuar sendo um funil que permite canalizar, alavancar mais recursos de outros setores de filantropia e cooperação internacional para os esforços das comunidades” e informou que o programa BUILD está prestes a entrar em um segundo fase e “uma parte importante do debate é sobre o que significa fortalecimento institucional”.

1. <https://www.fordfoundation.org/work/our-grants/building-institutions-and-networks/>
2. Os documentos que resultaram desta iniciativa, bem como os relatórios dos encontros e intercâmbios, podem ser consultados no seguinte link:
<http://entrepovos.org/es/publicaciones>



CCARC
CARIBBEAN CENTRAL AMERICAN RESEARCH COUNCIL



FORD
FOUNDATION

WWW.ENTREPOVOS.ORG